

DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Antonia Rosemeire Guedes da Silva¹

Luis Carlos Ferreira²

RESUMO

Existem genéticas causadas em partes do cérebro que limitam pessoas em certos aspectos, que compromete desenvolvimento humano que envolvem linguagem, habilidades socioemocionais e a atenção compartilhada, para entender sobre o assunto, o trabalho é baseado em uma revisão bibliográfica sobre publicações voltadas para o tema TEA, tendo como resultado que para os autistas, se relacionar com outros indivíduos costuma não despertar seu interesse, por isso na sala de aula o professor precisa ser seu mediador para que seja estabelecido sua inclusão social com os outros alunos, adquirindo um desenvolvimento adequado, assim conclui-se que para que possa ser alcançado tais resultados os professores devem ter propriedades nas práticas aplicadas e o conhecimento básico do que é o autismo, trabalhando em equipe com a família e a instituição.

Palavras-chave: Autismo. Letramento. Professor.

INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno neurológico desenvolvido cuja suas características podem ser observadas ainda na primeira infância, através de consultas com especialistas. O autismo é uma condição que atualmente é vista como uma síndrome comportamental de nível complexo, além disso, ela está ligada aos fatores ambientais e genéticos que foi descrita pela primeira vez pelo psiquiatra Leo Kanner em 1943, onde se baseou em um estudo sobre o comportamento de 11 crianças com autismo.

Quando a discussão é sobre a inclusão de crianças com autismo em instituições de ensino é preciso pensar também no professor, pois o mesmo precisa estar capacitado para acolher os alunos com deficiência, sem cometer o erro de fazer distinção, exclusão ou realizar comparações com os mesmos. Diante disso, este artigo busca apresentar como problemática: qual é o papel dos professores diante da inclusão escolar de um aluno com autismo?

1 Mestranda do Curso Interdisciplinar em humanidades (MIH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB- CE, profrosemeireguedes@gmail.com

2 Discente pelo Curso de Mestrado Interdisciplinar em humanidades (MIH) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB- CE, luisferreira@unilab.edu.br

Analisando que os professores enfrentam diversas dificuldades para poderem incluir o aluno com autismo na escola, muitas destas dificuldades estão relacionadas aos seus conhecimentos da forma de agir e qual é o seu papel para ajudá-lo.

O objetivo deste estudo foi revisar o histórico do autismo, a inclusão do aluno com TEA nas escolas e também qual o papel do professor diante a inclusão deste aluno. O artigo irá contribuir para que haja a compreensão da necessidade sobre o conhecimento e a sobre a inclusão dos mesmos nas escolas regulares.

METODOLOGIA

Este é um trabalho de revisão de literatura, onde utiliza a abordagem qualitativa, que possui a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo, e além disso, permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na idade média, indivíduos com transtornos mentais eram considerados pessoas sobre autoridades demoníacas e a inquisição em nome de Deus, normalmente eram queimados em fogueiras para que o mau dentro de si, pudesse ser destruído (CAPELLINI et al 2016)

As crianças que eram apontadas como insanas compartilhavam dentro dos manicômios o mesmo ambiente e até meados do século XIX, não existiam estudos relacionados a doenças mentais infantis. O termo Autismo, que vem da palavra grega ‘’autos’’, significa si mesmo, ela foi usada pela primeira vez apenas em 1911, pelo suíço Bleuler, que o utilizou para especificar casos de esquizofrenia. (BRASIL, 2015).

O psiquiatra Leo Kanner em 1943 publicou sua obra “Distúrbios Autístico ao contato afetivo”, onde é descrito pelo autor onze casos de crianças que possuem atrasos em seu desenvolvimento e que em comum tinham o isolamento social, comportamento com estereotípias e dificuldades na comunicação, inclinados a mesmice, características e sintomas que eram apresentadas já na infância. (RIBEIRO; CONRADO et al 2021).

Logo após esses relatos, Hans Asperger elaborou o artigo “A Psicopatia Autística na Infância”, um estudo onde descreveu crianças que tinham em comum o déficit de interação social com movimentos não desejáveis e na linguagem não verbal. Ele também observou que além das dificuldades citadas, as crianças preferiam outros assuntos, como, por exemplo, jogos, placas, mapas, matemática, onde possuíam suas partes cognitivas da inteligência conservadas. O próprio autor os caracterizava como pequenos professores, pois eram conhecidos como gênios. (RIBEIRO; CONRADO et al 2021).

A primeira publicação que considerava o autismo como um subgrupo da esquizofrenia aconteceu em 1952, a DSM-Diagnostic and Statistical Manual, pela Associação Americana de Psiquiatria, ou seja, o autismo ainda não era tido como diagnóstico. Durante 1950 e 1960, nasceram diversos estudos voltados à etiologia do autismo, até mesmo crenças que estavam do lado das teorias de Kanner, onde a culpa da origem do autismo estava ligada aos pais, pois os mesmo não se envolviam emocionalmente com os seus filhos, começava então a hipótese da “mãe de geladeira”, porém com o avançar de novos estudos esta crença foi repudiada, pela ideia de que o autismo atinge todas as crianças do mundo, independente do seu nível social, religião ou cultura, pois se originava de uma formação genética propriamente de um transtorno cerebral, ocorrida desde a primeira infância.

Em 1950 o nome autismo passou a aparecer em dois manuais, o CID – 10 -Classificação Internacional de Doenças e o DSM-1 -DiagnosticandStatistical Manual. O CID-10 USA a nomenclatura transtorno global do desenvolvimento (TGD), já a DSM-1 usa o transtorno invasivo do desenvolvimento (TID). Sendo que o TID / TGD eram compostos por Transtornos: desintegrativo da infância, invasivo do desenvolvimento sem outra especificação (TID– SOE), autista e de Asperger. (FARIA, CUNHA et al, 2015)

Porém, em 2013 a DSM obteve uma nova versão a DSM – V, onde foi apropriado ao autismo mudou-se para Transtorno do Espectro Autista – TEA e todas as suas características foram estabelecidas em apenas um espectro, possuindo uma tríade do comprometimento em sua nova classificação (BRENTANI, 2013).

Figura 1- Tríade



Fonte: Wing & Gould, 1979

Já em 2007, a ONU- Organização das Nações Unidas oficializou que em 02 de Abril seria o Dia mundial da conscientização do autismo, uma data mundial, onde muitos indivíduos vão às ruas com símbolos na cor azul, representando o TEA. Diversos monumentos públicos são iluminados com a luz azul para sensibilizar a população e ao governo que os indivíduos TEA necessitam de leis, direitos e um novo olhar, diminuindo o preconceito e estigma que muitos autistas sofrem, seja pelos familiares ou escolas. Foi aprovada, no Brasil, a Lei 12.764, do dia 27 de dezembro de 2012, promovendo a garantia de saúde aos autistas, para que os especialistas os atendam conforme suas necessidades.

A mídia, cada vez mais, modifica e transforma este assunto como algo normal, quebrando o Tabu sobre o tema, onde são pessoas vistas como co-dependentes. O assunto está sendo tratados de diversas formas, seja em palestras ou até mesmo em séries de televisão, como por exemplo, *Atypical*, um drama adolescente da Netflix que conta a história de Sam é um jovem autista de 18 anos que está em busca de sua própria independência ou até mesmo o *The Good Doctor*, onde um jovem cirurgião diagnosticado com savantismo, um distúrbio psíquico raro, é recrutado para trabalhar na ala pediátrica de um hospital de prestígio. São séries mundialmente conhecidas na atualidade que mostra a capacidade dessas pessoas

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Conforme já introduzido em capítulos anteriores, os TEAs apresentam diferentes espectros, ou seja, diferentes níveis, o que significa que uma criança com TEA não é idêntico a outra criança com TEA, e essas divergências devem ser percebidas e levadas em conta para reflexão no momento de compor um plano para ensinar alunos autistas a ler e escrever.

O alfabetismo é um momento difícil para todas as crianças e não é diferente para as crianças com TEA, mas os professores não podem dizer que as crianças com TEA não podem se alfabetizar devido às suas características e barreiras. Os professores devem lembrar que para essas crianças que possuem dificuldades de comunicação e interação, o alfabetismo traz muitos benefícios em suas vidas em um contexto social. (MIRANDA, LIMA et al,2019)

Os processos de leitura e alfabetização são cruciais para que haja a possibilidade de interagir na sociedade. Isso ocorre porque o código da linguagem consiste em caracteres arbitrários com os quais a sociedade concorda, usado para transferir uma ideia ou ponto de vista. Desenvolver condutas e aptidões para alfabetização, na prática social. Assim, por meio da educação e da alfabetização o sujeito consegue perceber e compreender as mais diversas colocações interações na sociedade podendo analisar e modificar de forma crítica e reflexiva sua realidade. (CAPELLINI, et. al. , 2016)

As crianças autistas aprendem de acordo com suas singularidades, ou seja, cada um individualmente possui características próprias em relação ao processo de ensinoaprendizagem. Assim, as diferentes carências demandam práticas pedagógicas específicas, que lhes são específicas, de acordo com suas necessidades e potencialidades. Isso também se aplica às crianças com transtornos do espectro do autismo (TEA) (CAPELLINI, et. al., 2016).

Neste sentido, é essencial estimular as habilidades de comunicação e expressão, para ajudar os alunos com TEA a se relacionarem socialmente e compreenderem a realidade que as cerca e, assim, diminuir as barreiras do transtorno. Assim, especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental, os alunos com TEA precisam de um ensino direcionado que os ajude a internalizar a linguagem social e exteriorizar o pensamento para assimilar a arbitrariedade socialmente aceita.

Um dos principais questões que as crianças com TEA enfrentam durante a escolarização é “o fato de esses estudantes possuir grande obstáculo em compor relações sociais com os outros, o que dificulta e limita suas oportunidades de aprendizagem e circulação social” (PEROTTI, 2016).

A criança autista, que não se comunica oralmente, que não estabelece nenhuma interação com o outro -como é habitual nesta situação clínica-, quando começa a ter acesso à escrita pode iniciar essa comunicação falando por meio dela. Esse fato pode dar origem a uma

experiência inicial de relação com o outro em que ele finalmente consegue comunicar algo a alguém por meio da linguagem. Isso pode até motivá-la a querer se expressar verbalmente. (BERNARDINO, 2015)

Bernardino (2015) destaca a relevância do alfabetismo para alunos com TEA, podemos pensar na importância do processo de alfabetismo que permite o exercício de uma linguagem significativa para a transmissão de uma experiência, que inclui o corpo e inclui o outro como interlocutor. Isso destaca a relevância da educação inclusiva, que promove a aprendizagem formal. Ressalta-se a importância do trabalho de análise e da relação de transmutação para que esse símbolo possa se transmutar em palavras pelo corpo, às experiências e às emoções e encontrar ecos no outro.

No entanto, segundo Bastos (2017) é demasiado angustiante para os educacionistas ter em sala de aula alunos imunes ao estabelecimento de vínculos e contatos sociais, que não têm curiosidade sobre o conhecimento e não entram no sistema de relações e trocas sociais. Diante de tais alunos, os professores se sentem sobrecarregados e terminam pensando que esses alunos não podem se alfabetizar. A falta de informação faz com que o professor acabe rotulando seus alunos, considerando apenas o que eles não podem fazer e, assim, concluindo que não poderão se matricular. Consequentemente, conhecer o que é o transtorno do espectro autista e suas características é fundamental para que o professor acredite que é possível ensinar alunos com TEA a serem alfabetizados e o quanto essa conquista é importante para a autonomia desses alunos e sua adesão na sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O alfabetismo confere uma barreira para todas as crianças e as crianças com TEA não são exceção, mas os professores não podem dizer que as crianças com TEA são analfabetas por conta de suas características ou problemas. Para essas crianças, que apresentam dificuldades de comunicação e interação, a capacidade de ler e escrever deve ser vista como uma infinidade de vantagens para sua vida em sociedade.

Sendo assim vale ressaltar, que os processos de leitura e escrita, assim como a fala, são necessários para o fortalecimento das relações interpessoais, principalmente para alunos com TEA” é necessário estimular as aptidões de comunicação e expressão, para ajudar os alunos com TEA a se relacionarem socialmente e compreenderem a realidade que os cerca e, dessa forma, diminuir as barreiras do transtorno.

O processo de desenvolvimento de leitura e escrita de uma criança com TEA deve ocorrer em conjunto, como argumenta Perotti (2016), especialistas na área de tratamento de

crianças com TEA, como fonoaudiólogos, terapeutas, psicólogos e escolas de estimulação de TEA, foram adicionados às instituições para poder auxiliar na estruturação do aprendizado do aluno, para que as crianças possam desenvolver mais eficazmente.

À medida que se desenvolve, emergem novas estratégias, em função das necessidades de estimulação para garantir o melhor desempenho das competências envolvidas na aprendizagem escolar.

Sobre as ações de mediação para promover a aprendizagem e o alfabetismo de crianças com TEA, Capellini et al (2016) apresentaram um estudo realizado com uma professora e um aluno com TEA, ambos vinculados a uma escola pública municipal do interior de São Paulo, cuja objetivo foi investigar e relatar como foi desencadeado o processo de alfabetismo de um aluno com TEA. Ele propôs como atividades de alfabetismo de ocorrência recursos como: contar histórias e utilizar o álbum de fotos. Os estudos acima identificaram a melhora na escrita e no alfabetismo como os resultados mais significantes. Outra melhoria foi obtida por meio da aquisição da linguagem escrita, que serviu como recurso para permitir uma maior projeção social, pois à medida que o aluno buscava aprender os nomes de seus colegas, melhorava a relação com eles, ampliando seu círculo de amizades.

O progresso na alfabetização da criança pesquisada foi fundamental para uma melhor interação social. Também foi possível observar uma evolução significativa no contexto de desenvolvimento em termos de aprendizagem e comportamento. Além disso, o aluno com TEA, que antes era totalmente excluído, passou a participar de atividades com os demais alunos da sala. Embora o exemplo se refira a um estudo de caso, é possível perceber os benefícios que o alfabetismo adequado pode trazer para uma criança com TEA, muito além da questão da linguagem. Na maioria dos casos, os professores precisam de apoio profissional no ambiente escolar. (CAPELLINI et al, 2016).

A lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que cria a Política Nacional de Proteção dos direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista, dispõe sobre os direitos regulamentados dos alunos com TEA, ela não se refere apenas ao acesso à escola regular, mas também da sala do serviço de Educação Especial (SES) e de um profissional que serve de apoio para auxiliar no melhor desempenho das atividades realizadas na escola em qualquer nível da escolaridade da criança. O profissional tem que se organizar não só com o professor que acompanha o aluno, mas também com toda a equipe da escola que estabelece contato com ele. (BRASIL, 2012)

O AEE é um serviço que deve ser realizado preferencialmente na sala de recursos multifuncionais, caracterizado por ser um local repleto de utensílios, como equipamentos, móveis, materiais didáticos e educativos que beneficiam o atendimento educacional

especializado, contribuindo para a educação inclusiva, garantindo estes acesso, participação e aprendizagem dos alunos (BRASIL, 2011).

Nesse contexto, a tecnologia pode trazer muitos benefícios às crianças com TEA, pois os dispositivos tecnológicos são capazes de atrair sua atenção, facilitar o aprendizado de suas atividades de vida diária, ajudá-las a internalizar seu cotidiano, ajudá-las a desempenhar suas tarefas sociais, ajudá-las no processo de alfabetização e facilita a interação dessas crianças com o mundo que é uma de suas maiores dificuldades (RIBEIRO; CONRADO et al 2021). No entanto, os professores precisam planejar o uso desses recursos de maneira sensível ao contexto com objetivos claros e definidos, levando em consideração as características e necessidades desses alunos. Farias et al (2014) contextualiza que os recursos tecnológicos, por si só, não têm efeito. Se a interação apresentada pelo professor não for suficiente para as características de cada aluno. O professor precisa conhecer seu aluno, seu nível de realização, para que as tecnologias utilizadas na educação aliadas ao contexto social e cultural, tornem-se ferramentas pedagógicas positivas quando planejadas e contextualizadas conscientemente.

Segundo Ribeiro, Conrado e Legey (2021), os jogos digitais possuem características interessantes e divertidas para crianças com TEA que facilitam muito a conversa e a interação social com os alunos. Por isso, recursos tecnológicos como computadores, tablets e jogos digitais são cada vez mais aplicados na educação das crianças por serem um método de ensino mais atrativo.

Bastos (2017) afirma que uma das diretrizes mais usuais para rastrear crianças com TEA é o programa “Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Deficiência de Comunicação” (TEACCH) estabelecido em 1964 na universidade da Carolina do Norte (EUA) por Eric Schopler e companheiros.

O programa TEACCH funciona estruturando o tempo, as atividades, os materiais e os ambientes aplicados pela criança para recompensar os déficits característicos do espectro do autismo e proporcionar ganhos significativos para a vida social. É um programa usado em todo o mundo para ajudar crianças com TEA a desenvolver aptidões de alfabetismo

O aplicativo A-B-C Autismo incorpora alguns aspectos de uma abordagem manual, TEACCH, um método amplamente utilizado e comprovadamente eficaz no comportamento autista. O aplicativo em questão usa uma plataforma móvel desenvolvida originalmente para tablets Android e se concentra diretamente no ensino de habilidades de alfabetismo para crianças com autismo, como correspondência e habilidades de alfabetismo precoce. A versão gratuita do aplicativo móvel A-B-C Autism tem quatro níveis de dificuldade, também conhecidos como níveis de trabalho. Cada nível tem dez atividades sequenciadas em ordem crescente de complexidade. A complexidade da aplicação é medida pela quantidade de

estímulos dados à criança e pela quantidade e forma dos elementos apresentados (FARIA, CUNHA, ET AL, 2015).

A variedade de cores e objetos foi potencializada nesta abordagem, também foi possível diferenciar os padrões de resposta aceitáveis nas respectivas áreas. A dinâmica utilizada para reduzir automaticamente a área de resposta à medida que a criança consegue realizar as demandas relevantes da atividade, aumenta gradativamente sua coordenação motora, proporcionando estímulos nas mais variadas formas e perspectivas possíveis. Para Farias, Cunha et al. (2015), é importante ressaltar que o contato da criança com o objeto concreto, o contato realizado da forma tradicional do programa TEACCH, é fundamental e não deve de forma alguma ser negligenciado no processo de cuidar da criança. Os métodos oferecidos pelo aplicativo ABC Autismo são apenas um complemento a todas as dinâmicas utilizadas e certamente complementam o processo de intervenção com as crianças.

Miranda, Lima et al (2019) contextualizam que é fundamental que o ambiente escolar contribua para o enfrentamento dos limites e especificidades dos alunos autistas, como espaço físico, materiais didáticos, equipe gestora, professores e toda a comunidade escolar, levando em consideração em conta um maior cuidado e atenção ao cuidado e inclusão deste aluno. Jogos e brincadeiras não apenas facilitam o processo de aprendizagem de uma criança, mas também permitem que você interaja com seus colegas de classe e lhe dá a oportunidade de criar uma visão do mundo, formação e desenvolvimento do pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos com a concepção do quanto é significativo o professor não rotular seus alunos, que é preciso buscar esclarecimentos em relação às características e necessidades dos alunos com TEA e a forma como aprendem, considerando que isso varia muito de aluno para aluno, uma vez que o TEA está presente em diferentes níveis.

Para essas crianças, o alfabetismo tem se mostrado um importante e fundamental resultado que lhes dá autonomia para serem incluídas na sociedade ainda que tenham grande dificuldade de interação e comunicação.

No entanto, o alfabetismo de alunos com TEA representa um grande efeito para os professores, pois no processo de alfabetismo pressupõe-se que o aluno deve ter uma participação ativa, uma interação que para crianças com TEA é mais difícil de ser alcançada, mas essas dificuldades demonstram que os professores devem encontrar outra forma para que os alunos possam aprender.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, M. B. **Tratar e educar**: escrita e alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), In: MACHADO, A.M.; LERNER, A.B.C.; FONSECA, P.F. *Concepções e Proposições em Psicologia e Educação*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 135 -148.
- BERNARDINO, L.M.F. **A importância da escrita na clínica do autismo**. *Estilos clin.*, São Paulo , v. 20, n. 3, p. 504-519, dez. 2015 .
- BRENTANI et al. **Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment**. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2013, vol.35, suppl.1, pp. S62-S72. ISSN 1516-4446)
- BRASIL. Ministério Da Saúde. **Linha de cuidado para atenção as pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias**. pag. 18 e 44. 2015.
- CAPELLINI, V. L. M. F, et. al. **Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista**. *Colloquium Humanarum* , Araraquara, SP, v. 13, n. 2, p. 1-8, set./2016. Disponível em: <http://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1309>. Acesso em 01 de Nov. 2022
- FARIAS, E; CUNHA, M; SOUZA, J. W. **ABC Autismo ? Uma Aplicação Mobile para Auxiliar no Processo Alfabetizador de Crianças com Autismo**. *Anais dos Workshops do IV Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2015)*, Maceió – AL. p. 232-239. Out/2015.
- PEROTTI, I. L. **O Transtorno do Espectro do Autista na escola**: um labirinto de práticas interligadas na alfabetização. *Percurso Acadêmico*, v. 6, n. 12, p. 353, 2016.
- RIBEIRO, S. F. C.; CONRADO, L.; LEGEY, A. P. **O Uso da Tecnologias Digitais no Desenvolvimento das Crianças com Transtorno de Espectro Autista**. *RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, [S. l.], v. 3, n. 3, 2021. DOI: 10.51473/rcmos.v3i3.27. Disponível em: <https://revistacientificaosaber.com.br/ojs/envie seu artigo/index.php/rcmos/article/view/27>. Acesso em 01 de Nov. 2022
- WING, L. & GOULD, J. **Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children. Epidemiology and classification.**"*Journal of Autism and Developmental Disorders*, 9, 11-29,1979.